

# Moreira visita guaranis

*Estado garante posse da terra a índios de Angra*

Angra dos Reis, RJ — Sérgio Moraes

Os índios guaranis de Angra dos Reis conheceram ontem o governador Moreira Franco, que visitou a reserva no sertão de Bracuí. A demarcação das terras dos 200 remanescentes da única nação indígena no Estado do Rio está em fase de conclusão. O assentamento, em área de 700 hectares, é possível graças a convênio do governo estadual com a Funai. Ação judicial de desapropriação das terras tramita na 17ª Vara Federal, mas a posse pelos guaranis está garantida, segundo o secretário estadual de Assuntos Fundiários, Vicente Loureiro, que acompanhou o governador.

"Estamos integrando o índio a nossa cultura, mas criando instrumentos para preservar a cultura guarani", disse Moreira Franco, que percorreu a aldeia e plantações ao lado do cacique Veramirim, ou João da Silva, de 76 anos. O governador autorizou a instalação de posto à beira da BR-101 (Rio-Santos) para venda de artesanato pelos índios. Cestos, colares, arcos e flexas são sua fonte de renda, além do comércio de produtos agrícolas que cultivam, como mandioca, milho e feijão. Moreira prometeu levar ao conhecimento dos indígenas técnicas de irrigação.

Há 30 anos, a nação guarani era maior no estado. Há seis anos, a morte do antigo cacique, Argemiro, irmão do atual, afastou quase todos os índios. Restou apenas uma família em Bracuí, mas a vinda de Veramirim de Paranaguá (PR) incentivou a migração de outras famílias. O cacique conta que em Paranaguá a sobrevivência se tornara difícil, por falta de água e empobrecimento das culturas agrícolas. Os guaranis pediram ao governador a demarcação de suas terras em 1987, quando foi reeditado o decreto de desapropriação do ano anterior.



As crianças falam guarani e aprendem português na escola

Através da Procuradoria Geral do Estado, o governo entrou com ação de desapropriação das terras na comarca de Angra dos Reis. A Justiça estadual concedeu imissão provisória de posse ao governo e o processo foi para uma Vara Federal. O secretário de Assuntos Fundiários explica que falta apenas a definição do conceito de "imemorialidade" das terras, previsto na Constituição, o que obrigará o estado e/ou a Funai a pagar por benfeitorias às pessoas com títulos de propriedade. Caso seja definida "tradicionalidade", além de receberem pe-

las benfeitorias, elas terão de ser indenizadas.

O prefeito de Angra dos Reis, Nairobi Nagae, que também visitou os índios, disse que a reserva é ameaçada por instalação de haras pela empresa Mercantil Internacional no limite das terras indígenas. "Nós estamos deduzindo que isso pode acontecer e os índios estão sentindo no ar", disse ele. A indigenista Mariza Ricardo, que há oito anos convive com os guaranis, disse que as águas do córrego Imbu, que abastece a aldeia, poderão ficar comprometidas se forem utilizadas por cavalos.

## Água encanada, lampião e rezas a Tupã

Os índios de Angra dos Reis preservam sua cultura, embora incorporem outros hábitos e influências. Na escola da aldeia, as crianças aprendem português e a escrever em guarani, língua que todas dominam. As rezas ao deus Tupã são comuns, em meio a cantorias em guarani, acompanhadas de baracá (chocalho) mas também de violão. Missionários católicos nem sempre são vistos com bons olhos. As pessoas deixaram de fazer festas, de dançar e de

pintar o rosto como seus ancestrais, mas ainda batem o milho com pilão para fazer a farinha e o cauim (aguardente). O cultivo de abacaxi e cana é recente.

Bastam 20 minutos de caminhada para se chegar à estrada, onde passa ônibus para o centro de Angra, distante 8 quilômetros. Mesmo assim, algumas crianças se assustam com a chegada do helicóptero do governador, espetáculo que diverte os adultos. Os

guaranis gostam de tomar banho de cachoeira e bebem água de nascente, devidamente encanada. Não têm luz elétrica, mas usam lampião a querosene. As moradias (ogás) são cabanas de barro e taquara, com teto de guaranáupga (folha de uma espécie de palmeira). O pajé-mora em Parati e varia a aldeia de vez em quando. Se as ervas não curam todo tipo de doença, há a alternativa do posto médico da Funai. Os partos ainda são feitos de cócoras, mas com auxílio de parteiras da aldeia.

01  
19  
06